



DE BERLIM A BUCAREST: OS 35 ANOS QUE ABALARAM OS BÁLCÃS

Tiago Valêncio de Melo

Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

Resumo: Entre os anos de 1878 e 1913, os acontecimentos registrados na Península Balcânica tornaram a região conhecida como o “Barril de Pólvora” da Europa. A presente análise tem por objetivo compreender o desenrolar dos fatos que culminaram em tamanha instabilidade na região, analisando para tal o intervalo entre as assinaturas do Tratado de Berlim (1878) e o Tratado de Bucareste (1913). Este determinado intervalo permite a análise abordar acontecimentos centrais para se compreender como se permeiam as relações entre os Estados Balcânicos, o Império Otomano e as demais potências europeias, uma vez que engloba o momento do processo em que o nacionalismo passa a ganhar força na região, a partir das vésperas da Guerra Russo-Turca em 1877 e também o momento em que os já consolidados Estados dos Bálcãs acabam entrando em conflito interno, após a dissolução da Liga Balcânica, em 1913. Um processo crucial para compreender a construção do conturbado e volátil cenário político que levou os Bálcãs a receber a alcunha de Barril de Pólvora da Europa.

Palavras-Chave: Bálcãs, Império Russo, Império Otomano, Guerras Balcânicas, Guerra Russo-Turca.

Abstract: Between 1878 and 1913, events on the Balkan Peninsula made the region known as the "Powder Barrel" of Europe. The purpose of this analysis is to understand the evolution of the facts that led to such instability in this geographical area, analyzing the interval between the signatures of the Treaty of Berlin (1878) and the Treaty of Bucharest (1913). Such period allows the analysis to address central events in order to understand how relations between the states of the peninsula, the Ottomans and other European powers developed, since it includes the moment of the process in which nationalism begins to gain strength in the Peninsula, from the eve of the Russo-Turkish War in 1877, and also the moment when the already consolidated Balkan states ended in internal conflict after the dissolution of the Balkan League in 1913. A crucial process to understand what led to the building of such unstable scenario, which led the Balkans to be known as the Powder Keg of Europe.

Keyword: Balkans, Russian Empire, Ottoman Empire, Balkan Wars, Russo-Turkish War.



1. Introdução

A partir da segunda metade do Século XIX, os Bálcãs estiveram no centro das discussões sobre Política Internacional e dos arranjos entre as grandes potências europeias. O declínio cada vez mais acentuado do Império Otomano trazia novas problemáticas a uma região que durante séculos recebeu a alcunha de “Turquia Europeia”, em razão do hábil controle imposto pela Sublime Porta na Península.

Contudo, o citado enfraquecimento do poderio otomano e o crescente interesse russo em expandir sua área de controle para a direção dos Estreitos – utilizando os Bálcãs como vetor para tal objetivo – trouxeram para a região uma nova dinâmica a partir da Guerra da Crimeia (1853-1856) e também da Guerra Russo-Turca (1877-1878).

O presente artigo busca analisar os complexos acontecimentos que tornaram a região conhecida como um “Barril de Pólvora”, que anos mais tarde explodiria com o disparo da arma de um jovem eslavo contra o arquiduque austríaco. Para tal, a análise terá enfoque nos acontecimentos ocorridos entre a negociação do Tratado de Berlim em 1878 (ao fim da Guerra Russo-Turca) e a assinatura do Tratado de Bucareste em 1913 (ao fim da Segunda Guerra Balcânica).

Tal recorte temporal foi selecionado por compreender dois momentos distintos da constituição dos novos Estados Nacionais que surgem da queda do domínio otomano na região: o surgimento destes como atores independentes no cenário internacional e posteriormente a luta travada entre estes para expulsar definitivamente seu antigo opressor e constituir um equilíbrio de poder próprio na Península.

O período contemplado também permite elucidar o papel do Império Russo no processo, demonstrando a atuação deste como um dos elementos centrais que ajudam a moldar a Questão Balcânica, uma vez que Petrogrado atua de maneira direta (seja militar ou politicamente) e é uma força política ativa durante os acontecimentos históricos nestas três décadas e meia.

O método empregado foi o histórico-descritivo e analítico, com base principalmente em uma abordagem qualitativa a partir do contato com fontes secundárias e demais produções científicas acerca do tema.

2. A Guerra da Criméia e os antecedentes de 1878

Durante quase cinco séculos, a Península Balcânica esteve sujeita a um domínio quase incontestável por parte de seus soberanos do Império Otomano. Após uma avassaladora expansão territorial durante os idos do Século XV, a Sublime Porta obteve amplo sucesso na empreitada de consolidar seu poder e suprimir as pouco estruturadas revoltas em suas novas províncias. Contudo, a segunda metade do Século XIX daria início a um novo processo na “Turquia Europeia”.

O privilegiado posicionamento da região – localizada na área de transição para o oriente e berço de importantes rotas comerciais – atraía interesses das demais potências do velho continente (DOMINIAN, 1913). Neste sentido, pode-se citar o exemplo da Rússia – que concebia a Península como uma área de expansão natural e reivindicava para si o posto de protetor das populações cristãs que a habitavam (SPENCER, 1914). Outro caso se refere as potências da Europa Ocidental, como Inglaterra e França, que identificavam a segurança e estabilidade dos Estreitos Turcos como vital para o fluxo do comércio internacional durante o período.

A primeira manifestação concreta das pretensões russas de trazer a região para sua esfera de influência se dá em 1853, ano em que é deflagrada a Guerra da Crimeia. Em um conflito que acabou se estendendo por mais de três anos, o ainda retrogrado Exército Imperial do Czar se viu derrotado pelos Otomanos, com apoio de uma coligação Anglo-Francesa determinada a manter a “ameaça” russa distante do Bósforo.

As resoluções posteriores ao conflito foram estabelecidas pelo Tratado de Paris, negociado em 1856. Ocupando a ala dos derrotados durante as tratativas, o Império Russo viu as potências ocidentais desferirem duros golpes em seus planos expansionistas. Os termos do tratado retiravam do Czar o direito a proteção dos súditos cristãos nos Bálcãs – uma prerrogativa vista pelos russos como natural e que legitimava suas pretensões imperialistas – e o transferia para os demais integrantes do concerto europeu (PHILLIPS, 2012).

A vitória da coligação na Criméia garantiu naquele momento a manutenção do controle turco na região. Contudo, o desenrolar do século XIX trazia cada vez mais à tona a percepção de que Constantinopla não mais era o implacável Império que por s. As dificuldades em administrar um território de extrema complexidade étnica e o ritmo acelerado de industrialização das potências ocidentais transmitiam cada vez mais a imagem de decadência do poder do Sultão no cenário internacional.

Aos poucos, as tentativas russas de expandir sua influência em aliança com o declínio do poder da Sublime Porta ajudaram a criar um novo contexto para os cristãos da Península. Os sentimentos nacionalistas passaram a se difundir com cada vez mais intensidade na região, sendo constantemente abastecidos pelo combustível do pan-eslavismo russo e tornando o domínio otomano cada vez mais frágil.

À medida que o Império Otomano começou seu declínio no século XVIII, a ideologia do nacionalismo europeu penetrou nos Bálcãs em apoio à reivindicação dos cristãos da região para a libertação do cada vez mais opressivo domínio turco. Ansioso por ganhos territoriais ou clientes cristãos dos Bálcãs, algumas grandes potências europeias, notavelmente a Rússia, tornaram-se patronos deste processo. Outros, como a Grã-Bretanha, perderam a fé na

capacidade do 'homem doente da Europa' de continuar a viver e se resignaram à partição do império (HAGEN, 1999, p. 53, tradução nossa).⁸⁵

Este novo cenário acentuou as revoltas contra o domínio otomano dentro das províncias europeias. Constantinopla passou a atuar com cada vez mais intensidade na tentativa de repressão a tais movimentos, uma estratégia que acabaria por se revelar trágica e construiria um novo cenário para os Russos orquestrarem uma nova intervenção nos Bálcãs.

3. A Guerra russo-turca e os Tratados de 1878

Duas décadas depois da dolorosa experiência na Criméia, russos se veriam em face de uma nova oportunidade de saciar suas ambições na Península. Como dito anteriormente, os Otomanos passavam a encontrar cada vez mais dificuldade em conter os crescentes movimentos de sedição nos Bálcãs e em 1875, a província da Herzegovina deflagrou uma revolta contra a administração turca – desencadeada pela excessiva cobrança de impostos e as más condições da população – no ano seguinte, foi a vez da Bulgária levantar-se contra o Sultão, um ato que recebeu violenta repressão por parte da Sublime Porta: foram aproximadamente 12 mil mortos em um episódio que recebeu a alcunha de "As Atrocidades Búlgaras" (SCHUMACHER, 2014).

Em 1876, a situação do Império Otomano já era extremamente delicada, suas províncias europeias borbulhavam em revoltas. Não fossem suficientes as terríveis consequências externas da repressão na Bulgária, em Junho do mesmo ano os principados da Sérvia e Montenegro declaravam guerra ao Império, com um exército formado em grande parte por nacionais russos, simpatizantes da causa pan-eslava e que sacrificavam suas vidas nas trincheiras balcânicas em defesa dos ideais nacionalistas (MARRIOTT, 1917) até mesmo o comando do Exército Sérvio era exercido por um russo, o voluntário Mikhail Cherniaev, um conhecido pan-eslavo. (PHILLIPS, 2012)

Os tensionamentos nos Bálcãs, conseqüentemente aumentaram a margem de manobra russa na região. Russos de toda parte do Império abraçavam o pan-eslavismo e a repressão na Bulgária ecoava em toda a Europa, criando o pretexto para que Petrogrado novamente fosse em defesa de seus "irmãos" eslavos.

Tendo isto em mente, o Império Russo após assegurar a neutralidade da Áustria-Hungria – sua grande rival na questão balcânica – vai oficialmente a guerra, em abril de 1877. A Guerra Russo-

⁸⁵ “As the Ottoman Empire began to breakdown in the eighteenth century, the ideology of European nationalism penetrated the Balkans in support of the Balkan Christians' claim to liberation from increasingly oppressive Turkish rule. Eager for territorial gains or Balkan Christian clients some European great powers, notably Russia, became patrons of this process. Others, such as Great Britain, lost faith in the ability of the "sick man of Europe" to go on living and resigned themselves to the empire's partition”

Turca foi um conflito de curta duração, mas com grande intensidade (JELAVICH, 1991). Foram 9 meses de luta, até que as tropas russas enfim forçaram a Sublime Porta a aceitar seus termos, em meados de 1878.

Ao fim do conflito, os Russos, enfim, haviam obtido a confortável posição de ditar os termos de um novo arranjo político nos Bálcãs. Após uma guerra exaustiva e com as memórias da Criméia ainda atormentando os pensamentos do Czar, os russos fizeram sentir o peso de suas ambições nas negociações do Tratado de Santo Estevão, ainda em março de 1878. Aos olhos das potências europeias, as propostas russas foram identificadas como hostis e ameaçadoras ao *status quo* do concerto europeu (SCHUMACHER, 2014). A grande preocupação girava em torno das diretrizes estabelecidas em relação a Bulgária, que tornar-se-ia soberana de uma enorme porção territorial, garantindo-se como a potência dominante da região e atrelada aos interesses russos, um cenário que como Jelavich aponta, constituiria uma perigosa ameaça a estabilidade dos estreitos.

Para as grandes potências, as partes mais perturbadoras do acordo eram aquelas que resultavam na criação de um grande Estado búlgaro cujos territórios incluíssem terras ao norte e ao sul das montanhas balcânicas, a Macedônia e uma grande porção da Trácia. Pode-se compreender que este Estado seria um satélite russo. O tratado prevê uma ocupação de dois anos pelo exército russo e a participação russa na organização do governo, do novo Estado autônomo. A extensão geográfica do país, juntamente com a ocupação militar russa, colocaria Constantinopla sob uma ameaça permanente vinda do norte. Com o controle total da Macedônia, a Bulgária também seria o poder mais forte dos Bálcãs. (JELAVICH, 1983, p. 358, tradução nossa)⁸⁶

A insatisfação por parte das potências, e a pressão exercida pela Áustria-Hungria – que via seus interesses sob ameaça – acabaram por fazer com que os Russos aceitassem uma revisão dos termos do tratado, a ser realizada entre os meses de junho e julho de 1878, no Congresso de Berlim (MULAJ, 2016, p. 549).

Em Berlim, as conquistas russas foram drasticamente reduzidas. As preocupações das potências com o domínio russo nos Bálcãs, ameaçando as rotas comerciais em direção ao oriente (ANDERSON, 1994), tornou o Congresso de Berlim uma grande negociação em defesa do *status quo* da região. O Tratado concedia a independência e autonomia para sérvios, montenegrinos e romenos (FOWLER, 1967). Já para os búlgaros, a independência completa foi negada. Aquela que seria a potência

⁸⁶ “For the great powers the most disturbing sections of the agreement were those calling for the creation of a large Bulgarian state whose territories would include lands north and south of the Balkan Mountains, Macedonia, and a large section of Thrace. It could be assumed that this state would be a Russian satellite. The treaty provided for a two-year occupation by the Russian army and Russian participation in the organization of the government of the new autonomous state. The geographical extent of the country, together with the Russian military occupation, would have placed Constantinople under a permanent threat from the north. With full control of Macedonia, Bulgaria would also be the strongest Balkan power.”

dominante da Península, foi reduzida a um principado, com status de autonomia em relação a Constantinopla e ainda viu seu território ser drasticamente reduzido, com a província da Rumélia Oriental permanecendo sobre a égide dos Otomanos (GENCER, 2014) e a Macedônia também mantida nas mãos de seu antigo opressor (HALL, 2000).

Na visão russa, o Congresso se encerrava com uma grande derrota. As potências europeias supostamente haviam negado aos Russos seu direito, adquirido após um desgastante conflito que havia sacrificado milhares de seus nacionais. Não bastasse o fracasso do plano de utilizar a Bulgária para a consolidação de seu domínio, o Tratado de Berlim acentuava a concorrência do Império Austro-Húngaro, que havia obtido o direito à proteção da região de Novi-Pazar e a possibilidade de ocupar – e posteriormente anexar – as províncias da Bósnia e Herzegovina (MARRIOTT, 1917).

O Império Russo não foi o único a deixar Berlim insatisfeito com as deliberações do Congresso. Do ponto de vista dos recém-criados Estados Balcânicos, as definições territoriais estabelecidas pelas grandes potências pouco atendiam as suas aspirações nacionalistas e aquilo que identificavam como suas posses por direito.

[...] nenhum dos Estados balcânicos ficou satisfeito nacionalisticamente pelos resultados do Congresso de Berlim. Influenciados por ideais românticos de unidade étnica em relação ao conceito de "nação", seus líderes consideraram as fronteiras traçadas em Berlim inaceitáveis - Suas respectivas fronteiras abrangiam pouquíssimo de suas historicamente reivindicadas "pátrias" étnicas e muito poucos de seus compatriotas (HUPCHIK, 2002, p. 75, tradução nossa).⁸⁷

Em síntese, as grandes potências ao conduzirem as tratativas de Berlim em defesa da manutenção do equilíbrio de poder do continente acabaram por não satisfazer as demandas russas e também as dos próprios Estados balcânicos. Embora derrotado, o Império Otomano conservou boa parte de sua posição na Península e também a soberania dos Estreitos. A insatisfação do Czar e dos novos atores do complexo tabuleiro balcânico resultaria em uma série de manobras diplomáticas no futuro, que dariam origem a constituição de uma Liga Balcânica e novas instabilidades na região.

4. A Formação da Liga Balcânica

Tomando como ponto de partida o contexto apresentado anteriormente, percebe-se o desejo dos novos Estados da região em conquistarem aquilo que julgavam seu território natural, isto aliado a uma série de outros condicionantes levou a uma gradual aproximação entre os Estados da Península. Além

⁸⁷ “[...] none of the Balkan states was satisfied nationalistically by the results of the Berlin Congress. Fired by Romantic ideals of ethnic unity regarding the “nation” concept, their leaders considered the borders drawn in Berlin unacceptable – their respective boundaries encompassed too little of their historically claimed ethnic “homelands” and too few of their conational”

do desejo comum de tais atores – o de expulsar o poderio de Constantinopla da Península – a Sérvia, em especial, se vê imersa em um atrito com outro vasto império multiétnico:

Enquanto isso, havia outro Estado que demonstrava interesse nos Bálcãs, a Áustria-Hungria. Esta estava em fase extrema de preparação para anexar a Bósnia e Herzegovina. Com isto, a Áustria-Hungria por um lado tinha a intenção de controlar os movimentos de secessão na Bósnia, e por outro lado, tentava dar uma lição na Sérvia, que incitava grupos eslavos dentro do Império Habsburgo. (PROGONATI, 2014, p. 100, tradução nossa).⁸⁸

Hall (2000) aponta ainda que o crescente choque de interesses, entre a Sérvia e o Império Habsburgo fez com que Belgrado passasse a adotar uma postura de maior aproximação com os Estados da Península, especialmente com a Bulgária, uma vez que existiam atritos nas relações entre os países oriundos dos interesses pela Macedônia. (ANDERSON, 1994).

No entanto, a escalada para o conflito se intensifica de fato em 1911. Progonati (2014) aponta também as insurreições albanesas, em 1911 e 1912 como um fator que intensifica a desestabilização do já deteriorado Império. Contudo, a fragilidade da Sublime Porta ainda era pouco notada pelos atores da Península, o espectro do opressor Império Otomano, que havia dominado a região de maneira absoluta por quase 500 anos, ainda assombrava os pensamentos dos novos Estados Balcânicos.

Neste sentido, Durgun (2014) concebe outro conflito envolvendo Constantinopla como a faísca que causaria a combustão deste barril de pólvora. A deflagração da Guerra Ítalo-turca – travada entre 1911 e 1912 – deixara evidente as fragilidades do vasto e instável Império, fazendo com que os turcos tivessem que ceder às pressões italianas e voltassem suas atenções para a Península.

Mas logo que se iniciou a segunda metade do ano [1912], outra ameaça recobriu os ombros turcos, sob a forma das crescentes demandas e pressões dos Estados balcânicos. Isto deixou a Sublime Porta mais inclinada em considerar as propostas italianas. [...] Eventualmente a Guerra de Trípoli foi encerrada com a assinatura do Acordo de Ouchy, em 18 de outubro de 1912, onde o Império Otomano perdeu sua última faixa de terra no Norte da África [...] Por fim, o Império Otomano não apenas obteve perdas territoriais, mas também fez ruir a ilusão de seu poder militar, econômico e político (DURGUN, 2014, p. 237, tradução nossa).⁸⁹

Fowler (1967) aborda também a mudança ocorrida no Ministério das Relações Exteriores da Rússia – com o fracasso em impedir a anexação da Bósnia, por parte do Império Habsburgo, o então

⁸⁸ “Meanwhile, another state that was interested in the Balkans, was Austria-Hungary. It was extremely preparing to annex Bosnia and Herzegovina. Thus Austria-Hungary intended on one hand to take under control the secessionist movements in Bosnia, on the other hand it was trying to give a lesson to Serbia that was provoking the Slavs inside Austria-Hungaria”

⁸⁹ “But immediately after the second half of the year had begun, another danger dawned upon Turkey in the form of the pressing demands of the Balkan states. This rendered the Porte somewhat more inclined to consider Italian proposals. [...] Eventually the Tripoli War was terminated by the signature of the Ouchy Agreement on 18 October 1912 by the loss of last strip of land on the North Africa for the Ottoman Empire [...] Thus, the Ottoman Empire not only lost the territories but also the remnants of her illusion of military, economic and political power”

Ministro Izvolsky renuncia ao cargo, dando lugar a Sergey Sazonov – como um elemento que estimula a aproximação entre sérvios e búlgaros, que passavam a ter seus interesses mediados pelo Império Russo, supostamente agindo sob o pretexto da defesa dos povos cristãos na Península.

Sazonov estava determinado em construir um acordo nos Bálcãs, uma ideia que Izvolsky já havia tentado promover. O novo Ministro das Relações Exteriores sentia que uma aliança deveria ser iniciada a partir de um diálogo entre Búlgaros e Sérvios, instigado pela Rússia. A partir disto, poderia se criar um acordo secreto com a inclusão de Montenegro e Grécia. [...] A partir do outono de 1911 em diante, a Rússia utilizou sua influência para a formulação de uma Entente Balcânica (FOWLER, 1967, p. 57-58, tradução nossa).⁹⁰

Com isto, cria-se o cenário que antecede o início do conflito que colocaria em oposição os novos atores da Península e os Otomanos. Impulsionados pela fragilidade de seu antigo opressor, os novos Estados passaram a atuar de forma ainda mais ativa, de modo a buscarem suas satisfações territoriais e nacionalistas.

As ambições russas de orquestrar uma aliança que colocasse em oposição os poderes regionais dos Bálcãs e a Sublime Porta acabam por se concretizar, com a criação formal da Liga Balcânica e colocando os Estados em rota de colisão com a Sublime Porta. Aproximadamente 35 anos após a vitória Russa de 1878, que deu origem aos Estados independentes da região, estes agora se voltam contra seu antigo opressor, com o intuito de extirpar definitivamente o poderio otomano dos Bálcãs.

Como aponta Dinu (2015), as congruências entre os interesses dos Estados da Península – que por diferentes motivos se viam atraídos a uma maior aproximação com os vizinhos – em conjunto com o incentivo russo deram a coragem para que os atores da região enfim confrontassem de maneira assertiva seu antigo dominador.

5. A Primeira Guerra Balcânica

Tendo surgido a oportunidade ideal para o seu, os Estados balcânicos não tardaram a se mobilizar no intuito de consolidar a formação de uma aliança contra Constantinopla, neste sentido, Harris (1913) aponta uma sequência de tratados bilaterais entre os países e que dão origem a Liga Balcânica:

Em fevereiro, negociações foram abertas entre Bulgária e Grécia, resultando em uma aliança para a paz e a proteção, formada em maio e com previsão de três anos. Conversas similares se iniciaram entre Bulgária e Sérvia, culminando na assinatura de um tratado de aliança em 13 de

⁹⁰ “Sazonov determined to bring about a Balkan accord, an idea that Izvolsky had earlier sought to promote. The new Foreign Minister felt that an alliance must begin With a Bulgarian-Serbian understanding, with Russia as instigator. Then this could be broadened into a secret agreement inclusive of Montenegro and Greece. [...] From the fall of 1911 on, Russia used her influence to hasten the formulation of a Balkan entente”

março. Deveria se fornecer proteção aos cristãos da Macedônia; e, na ocasião de um conflito e vitória sobre a Turquia, o território deveria ser dividido por uma linha, partindo da interseção entre Sérvia e Bulgária até a junção do Vale de Struga com o Lago Ochrida, esta seria a parcela do território macedônico concedido a Bulgária” (HARRIS, 1913, p. 106, tradução nossa)⁹¹

Como pode ser visto, especialmente nos termos do Tratado de Aliança entre Sérvios e Búlgaros, os países da Península já apresentavam a ambição de após se retirar o poder Otomano da região, garantir a sua parcela de conquistas territoriais. Neste sentido, o caso da Macedônia, se configura com maior singularidade, uma vez que, tal qual exposto por Anderson (1994), quem controlasse a Macedônia controlaria toda a vida econômica da Península, e assim se consolidaria como sua potência regional dominante, fator este que fez com que a área se tornasse futuramente alvo de disputa entre os próprios membros da aliança, como será exposto mais adiante.

Tal qual exposto na seção anterior, a escalada para a guerra na Península fez com que o Império Otomano adotasse uma postura de maior cautela com a região, abrindo mão do conflito com a Itália, em Trípoli, para buscar a manutenção de suas últimas porções territoriais no continente europeu. Urban (2014) aponta que o Império Otomano rejeita um ultimato emitido pela Liga Balcânica e envia cerca de 100 mil soldados para a região da Trácia, sob o pretexto de defender sua integridade territorial. A recusa do ultimato e a movimentação dos destacamentos militares otomanos leva a uma mobilização geral das tropas da Liga Balcânica, realizada entre os dias 30 de setembro e 01 de outubro de 1912, colocando os antagonistas em vias de guerra.

Conjuntamente com a declaração de mobilização, representantes do bloco balcânico deram a Sublime Porta um ultimato, exigindo a concessão imediata de autonomia para as áreas cristãs da península. Istambul, no entanto, rejeitou as demandas, pois elas afetavam a soberania do Estado, além de não haver tempo hábil para sua implementação. Eles já haviam decidido firmemente em favor da guerra, como a mobilização já havia provado. A paixão da população e seu entusiasmo pela guerra também não podiam ser ignorados. A Guerra era inevitável. (URBAN, 2014, p. 125, tradução nossa)⁹²

Com um cenário tão volátil tendo se estabelecido, não tardou para que as movimentações militares de fato tivessem início. Hupchik (2002) expõe que Montenegro – o Estado com menores

⁹¹ “In February, negotiations were opened between Bulgaria and Greece resulting in an alliance for peace and protection formed in May to last three years. Similar conversations were begun between Bulgaria and Serbia, culminating in a treaty of alliance on March 13. Protection was to be given the Christians of Macedonia; and, in the event of a war and victory over Turkey, the territory should be so divided by a line running from the intersection of Serbia and Bulgaria to the junction of the Struga valley with Lake Ochrida, that the lion's share of Macedonia would go to Bulgaria”

⁹² “Together with declaring mobilisation, representatives of the Balkan bloc gave the Porte an ultimatum demanding the immediate granting of autonomy for Christian areas on the peninsula. Istanbul, however, had to reject the ultimatum's demands because they affected the very sovereignty of the state, and furthermore they could not be implemented in time. The Balkan allies, however, had assumed they would be rejected. They had already firmly decided for war, as the mobilisation which took place proved. The passion of the population and their enthusiasm for war could not be ignored either. War was inevitable”

capacidades militares da aliança – foi o primeiro a lançar-se à guerra contra Constantinopla, sendo precedido cerca de 10 dias depois por seus aliados.

Bulgária e Sérvia foram as responsáveis pela maior parte das conquistas territoriais da Liga Balcânica, uma vez que dispunham também dos maiores contingentes militares. Convém notar a disposição geográfica tornava a Macedônia o campo de batalha natural para os sérvios (ANDERSON, 1994), fazendo com que suas tropas ocupassem diversos territórios que seriam destinados a soberania búlgara, conforme o acordo estabelecido entre ambos os países. Tal fator, como veremos, acabaria por desencadear severos atritos entre os dois Estados.

Por ser o mais oriental dos aliados balcânicos e por ter o maior exército, a principal tarefa da Bulgária foi a de invadir e ocupar a Trácia, em rota para Constantinopla, para então conter os esforços otomanos de enviarem reforços terrestres a partir da Ásia Menor. [...] O principal objetivo militar da Sérvia era o de rumar ao sul, em direção ao coração da Macedônia. Durante o processo, suas forças ocuparam toda a área designada como "zona de disputa" no acordo secreto entre Bulgária e Sérvia, além de alguns territórios que estavam destinados a pertencerem a soberania búlgara no futuro. O pequeno exército da Grécia, se comparado aos demais, deveria rumar ao norte (PAPAIOANNOU, 2012, p. 114, tradução nossa).⁹³

Atacado em quatro distintas frentes de batalha e sem a possibilidade de usar o estratégico Mar Egeu – que havia sido habilmente controlado pela marinha Grega – o já frágil Império Otomano não tardou a ser expulso de maneira quase absoluta da Península Balcânica. O desfecho da guerra se daria no Tratado de Londres, assinado em 1913, e mediado pela Inglaterra. Em suma, o acordo consolidava os ganhos territoriais dos integrantes da Liga, além do estabelecimento de um novo Estado Albanês (CHADWICK, 1999).

Com isso, em 1913 – 35 anos após a conquista da independência da maior parte dos membros da Liga – os otomanos enfim são expulsos dos Bálcãs. Contudo, ainda haviam delicadas questões a serem resolvidas pelos próprios membros da entente peninsular. A crucial divisão do território da Macedônia enfurecia os Búlgaros, que reivindicavam as porções destinadas a estes nos tratados firmados antes da guerra, mas a preocupação de Sérvios e Gregos com o equilíbrio de poder regional se tornava um grande obstáculo a situação Macedônica. Como será exposto a seguir, a expulsão dos otomanos não resultou em um cenário de paz na Península.

⁹³ “Because Bulgaria was the easternmost of the Balkan Allies and because her army was the largest, her task was mainly to invade and occupy Ottoman Thrace en route to Constantinople and thus hold off the expected effort by the Ottomans to reinforce their troops in the Empire’s European provinces by land from Asia Minor. [...] Serbia’s main military mission was to move south into the heart of Macedonia. In the process, its forces occupied all of the area designated as a “disputed” zone in the secret Serbian-Bulgarian agreement as well as some of the area that had been designated outright as future Bulgarian territory. Greece’s comparatively small army would push northwards into Ottoman Epirus, Thessaly, and southern Macedonia”

6. A Segunda Guerra Balcânica

Como vimos, a Liga Balcânica obteve sucesso em sua empreitada para a expulsão do Império Otomano da Península. Contudo, os assuntos mal resolvidos entre os próprios componentes da aliança – que se amontoavam desde as conturbadas resoluções de 1878 – passariam agora a ser fonte central de disputa entre estes Estados. A ocupação dos sérvios na Macedônia incomodava o governo búlgaro, que entendia a região como parte de sua soberania por direito. Kochovski (1996) aponta que os argumentos apresentados pelos demais componentes da Liga residiam na defesa de uma partilha igualitária, para se estabelecer um Equilíbrio de Poder na Península.

Como pode se inferir, a balança de poder que emergia com o fim da Primeira Guerra Balcânica era extremamente nociva aos interesses búlgaros. Neste sentido, Marolov e Stojanovski (2015) apontam que a Bulgária, em defesa de seus interesses e na tentativa de se manter como a potência regional dominante, em detrimento do fortalecimento de sérvios e gregos, se lança à guerra.

Sérvia e Grécia, como estados-membros da Aliança Balcânica, emergiram da Primeira Guerra Balcânica como vitoriosos. No campo de batalha, com seus armamentos, eles estabeleceram um novo equilíbrio de poder, sob as custas do Império Otomano, e, obviamente, a seu favor. A situação na aliança chegou ao ponto de a Bulgária, seu membro mais poderoso, requisitar uma nova distribuição da balança de poder. No campo oposto, Sérvia e Grécia desejavam manter este status quo. Esta ameaça búlgara foi a grande razão por parte da "Aliança de equilíbrio" entre Sérvios e gregos, uma vez que não haviam outros laços comuns. Quando a Bulgária lança sua ofensiva militar, os dois países iniciam a Segunda Guerra Balcânica (MAROLOV; STOJANOVSKI, 2015, p. 41, tradução nossa)⁹⁴

O desencadear da guerra se mostrou desastroso para os búlgaros, Chadwick (1999) aponta a união da Romênia e do próprio Império Otomano – que meses antes havia sido esmagado pelos países balcânicos – contra a Bulgária tornou a situação insustentável para esta, uma vez que se abririam quatro frentes de batalha, atentando contra a integridade do território búlgaro. O Estado búlgaro não teve capacidade de se defender dos ataques da nova aliança, sendo facilmente derrotado em pouco mais de um mês (HUPCHIK, 2002). Neste sentido, a assinatura do Tratado de Bucareste – ainda em 1913, e que põe fim à Segunda Guerra Balcânica – como exposto por Veremis (2015), anula grande parte das conquistas búlgaras no conflito de 1912, além de alargar os territórios da Sérvia e Grécia, os grandes vencedores da guerra.

⁹⁴ “Serbia and Greece, as member states of the Balkan Alliance, came out of the First Balkan War as victors. On the field, with their armies, they established a new balance of power at the expense of the Ottoman Empire, and, of course, in their favor. Yet, the situation in the Alliance was such that Bulgaria, as the most powerful member, was asking for a new distribution of the balance of power. On the other hand, Serbia and Greece wanted to keep the status quo. It was this Bulgarian threat that was the reason behind the “balance alliance” between Serbia and Greece, as there were no other unifying grounds. When Bulgaria launched a military attack, the two countries entered into the Second Balkan War”

Como pode ser visto, a Segunda Guerra Balcânica representa o momento em que os interesses dos novos Estados que se consolidam na Península acabam por entrar em rota de colisão entre si. As ambições búlgaras de se consolidar, de fato, como a potência dominante da Península – por meio da aquisição do território da Macedônia – acabam por fracassar, em razão dos interesses gregos e, especialmente, sérvios de se estabelecer um novo equilíbrio de poder na Península.

7. Conclusões

Tal qual evidenciado ao longo da análise, a tardia formação dos Estados-Nação da Península Balcânica – e a frequente ingerência de forças externas ao longo do processo – ajudaram a catapultar a região ao posto de um dos principais focos de instabilidade do sistema internacional na virada entre os séculos XIX e XX.

O declínio do poderio otomano abriu as portas para a influência de outras potências na região, em especial após a Guerra da Crimeia de 1856, quando se acentuaram as manobras russas no sentido de viabilizar o domínio dos estreitos por meio do reivindicado direito a proteção de seus semelhantes étnico-religiosos que habitavam a Península Balcânica. Contudo, se por um lado o Czar agia no sentido de minar o domínio do Sultão na região, as potências da Europa Ocidental atuavam no polo contrário, buscando sustentar uma artificial estabilidade turca no sentido de promover a fluidez do comércio internacional pelo Bósforo e Dardanelos.

Após a Guerra Russo-Turca de 1878 e as conturbadas negociações do Tratado de Berlim, os agora recém-independentes Estados Balcânicos se veem presos em meio a este cabo de guerra entre as potências. A insatisfação com as definições de Berlim e o desejo de tomar posse das terras que seu opressor ainda controlava na região conduziu a uma maior aproximação entre estes novos atores e o Império Russo, culminando em 1912 com a deflagração da guerra entre os países Balcânicos e o Império Otomano, enfim expulsando o domínio do Sultão.

Contudo, questões mal resolvidas entre os próprios membros da entente peninsular acabaram por minar qualquer esperança de estabilidade na região dentro deste contexto. Insatisfeita com a situação do pós-guerra, a Bulgária se volta contra seus antigos aliados e acaba derrotada em um novo conflito.

Com este cenário em mente, se nota que o período compreendido entre 1878 e 1913 – da assinatura do Tratado de Berlim a assinatura do Tratado de Bucareste – representa um intervalo de profundas e rápidas mudanças para os atores envolvidos na Península. Em menos de quatro décadas, tais Estados vislumbraram sua independência, a formação de uma coligação e um conflito interno. O jogo de poder das potências europeias ajudou a construir um cenário onde os nacionalismos dos Estados Balcânicos frequentemente entram em rota de colisão, em razão de reivindicações similares.

Por fim, conclui-se que os 35 anos entre Berlim e Bucareste foram decisivos para a consolidação do volátil cenário político da Península Balcânica, os jovens Estados da região acabaram expostos prematuramente a constantes choques – grande parte induzidos pela política das grandes potências – seja contra os Otomanos ou entre si, dando origem as dinâmicas que culminariam na fama de Barril de Pólvora do continente europeu.

Referências Bibliográficas**Artigos:**

- CHADWICK, Elizabeth. *Neutrality's last gasp? The Balkan Wars of 1912-1913*. Journal of Conflict and Security Law, vol. 4, no. 2, 1999. p.169-194. Disponível em: <http://irep.ntu.ac.uk/id/eprint/12823/1/186671_4332%20Chadwick%20Postrprint.pdf> Acesso em: 24 fevereiro 2018
- DINU, Elena Steluta. *Balancing Romania-Russia Relations: A Grounding of the Balkan Crisis Through Proper Application of Political Conditionalities*. RSP, no. 45, 2015. p. 76-88. Disponível em: <http://cis01.central.ucv.ro/revistadestiintepolitice/files/numarul45_2015/8.%20Balancing%20Romani a-Russia%20Relations%20A%20Grounding%20of%20the%20Balkan%20Crisis...%20pp.%2076-88.pdf> Acesso em: 24 fevereiro 2018
- DOMINIAN, Leon. *The Balkan Peninsula*. Bulletin of the American Geographical Society, vol. 45, no. 8. , 1913. , p. 576-584.
- DURGUN, Bulent. *Italian Spark on Balkan Arsenal: Italian-Turkish War (1911-1912)*. Journal Of Modern Turkish History Studies, vol. XIV/28, (2014-Bahar/Spring), p.127-148. Disponível em: <<http://dergipark.gov.tr/download/article-file/237059>> Acesso em: 22 fevereiro 2018
- GENCER, Mustafa. *The Congress of Berlin (1878) in Context of the Ottoman- German Relations*. The Pursuit of History, vol. 12, 2014, p. 293-313. Disponível em: <http://www.tarihinpesinde.com/dergimiz/sayi12/M12_12.pdf> acesso em 23 fevereiro 2018
- HAGEN, William W. *The Balkans' Lethal Nationalisms*. Foreign Affairs. July/August, 1999, p. 52-65. Disponível em: <<https://tri2010ii.wikispaces.com/file/view/4.+W.+Hagen.pdf>> Acesso em: 22 fevereiro 2018
- HARRIS, Norman Dwight. *The effect of the Balkan Wars on European Alliances and the future of the Ottoman Empire*. Proceedings of the American Political Science Association, Vol. 10, 1913. p. 105-116. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/journals/proceedings-of-the-american-political-science-association/article/effect-of-the-balkan-wars-on-european-alliances-and-the-future-of-the-ottoman-empire/DACDF2C41C26FEA0CDDF6D80F6EC5A39>> Acesso em: 24 fevereiro 2018.
- KAYNAK, Bahadır A. *Worth a Pomeranian grenadier's bones: The Balkans from 1877 to 1914*. IBAC, vol. 1, 2012. p. 231-241. Disponível em: <<http://dspace.epoka.edu.al/bitstream/handle/1/341/590-1736-1-PB.pdf?sequence=1>> Acesso em: 23 fevereiro 2018.
- LJOROVSKI, Dimitar; STOJANOVSKI, Strasko. *The Kingdom of Greece and the First Balkan War: Aspirations and Achievements*. Security Dialogues, vol. 4, no. 2, 2013. p. 59-71. Disponível em: <<http://eprints.ugd.edu.mk/11711/>> Acesso em: 23 fevereiro 2018.
- MAROLOV, Dejan; STOJANOVSKI, Strasko. *The Balkan Wars through the Prism of the Wider Theoretical Framework of the Concept of the "Security Dilemma"*. Balkan Social Science Review, Vol. 5, June 2015. p. 29-49. Disponível em: <<http://js.ugd.edu.mk/index.php/BSSR/article/view/1017>> Acesso em: 23 fevereiro 2018.
- MULAJ, Klejda. *War and State Making at the End of Empire: Ottoman Collapse and the Formation of Balkan States*. Peace & Change, vol. 41, no. 4, October/2016. p. 539-566. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/pech.12205/abstract>> Acesso em: 24 fevereiro 2018.
- PROGONATI, Erjada. *The Chronicle Of The First World War And Its Impact On The Balkans*. Akademik Bakis, vol. 14, 2014., p. 97-116. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/283586248_The_Chronicle_Of_The_First_World_War_An_d_Its_Impact_On_The_Balkans> Acesso em: 23 fevereiro 2018.
- SCHUMACHER, Leslie R. *The Eastern Question as a Europe Question: Viewing the ascent of "Europe" through the lens of Ottoman decline*. Journal of European Studies, vol. 44, 2014. p. 64-80.

Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0047244113508363>> Acesso em: 23 fevereiro 2018.

SPENCER, Arthur W. *The Balkan Question: The Key to a Permanent Peace*. The American Political Science Review, Vol. 8, No. 4 (Nov., 1914), p. 563-582. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1945256>> Acesso em: 24 fevereiro 2018.

URBAN, Martin. *The Balkans and Austria -Hungary 1908–1912*. Prague Papers on the History of International Relations, no. 2, 2014. p. 112-127

Livros:

HALL, Richard C. *The Balkan Wars 1912-1913: Prelude to the First World War*. Londres: Routledge, 2000.

HUPCHIK, Dennis P. *The Balkans from Constantinople to Communism*. Hampshire: Palgrave, 2002

JELAVICH, Barbara. *History of the Balkans: Eighteenth and Nineteenth Centuries*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

_____. *Russia's Balkan Entanglements: 1806-1914*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

MARRIOTT, John A. R. *The Eastern Question: An Historical Study in European Diplomacy*. Oxford: Oxford University Press. 1917.

VEREMIS, Thanos. *The Modern Balkans: A concise guide to nationalism and politics, The rise and decline of the Nation State*. Londres. : LSEE, Londres. 2015.

Monografias, Teses e Dissertações:

ANDERSON, David S. *The Apple of Discord: Macedonia, The Balkan League, and The military topography of the First Balkan War*. School of Advanced Military Studies. Fort Leavenworth, Kansas, 1994. Disponível em: <<http://www.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a284241.pdf>> Acesso em 22 fevereiro 2018.

FOWLER, Ronald D. *British Attitude Toward the Balkan Muddle 1900-1912*. Texas Technological College. Lubbock, Texas, 1967.

KOCHOVSKI, Sergei I. *The Balkan Crisis 1912-1913: The Balkan League alliance*. US Army War College: Carlisle Barracks, PA. 1996. Disponível em: <<http://www.dtic.mil/get-tr-doc/pdf?AD=ADA309372>> Acesso em: 22 fevereiro 2018

PAPAIOANNOU, Stefan S. *Balkan Wars Between the Lines: Violence and Civilians in Macedonia 1912-1918*. University of Maryland: College Park, MD. 2012. Disponível em: <https://drum.lib.umd.edu/bitstream/handle/1903/13631/Papaioannou_umd_0117E_13792.pdf;sequence=1> Acesso em: 22 fevereiro 2018.

PHILLIPS, James P. *The Eastern Crisis, 1875-1878, in British and Russian Press and Society*. University of Nottingham, Nottingham, 2012. Disponível em: <<http://eprints.nottingham.ac.uk/13629/1/574665.pdf>> Acesso em: 22 fevereiro 2018.

Trabalhos apresentados em eventos:

PASCHALIDOU, Efpraxia S. *Hellenic Army's preparation for the Balkan Wars; applying the joint warfare concept*. in: International Congress of the Institute for Strategic Research and the Institute of History. Belgrado, Sérvia. 2012. Disponível em: <http://www.army.gr/files/File/AFIEROMATA_ISTORIKA_DIS_2017/BALKANIKOI_POLEMOI_1912_1913/Hellenic_Armys_Preparation_for_the_Balkan_Wars_applying.pdf> Acesso em: 23 fevereiro 2018

